

Nome: João Aparecido Gonçalves Pereira

E-mail: joaocidinho@hotmail.com

Instituição de Ensino: UFG

Orientador: Renato Moscateli

A IMPORTÂNCIA DE MAQUIAVEL PARA PENSAR OS CONFLITOS POLÍTICOS E A LIBERDADE REPUBLICANA

Resumo: A atuação dos homens na vida cívica e seus desdobramentos sempre foram e continuam sendo objetos de estudo da filosofia em todos os períodos de sua história. Em meio aos diversos filósofos que pensaram sobre este assunto, está Nicolau Maquiavel, o qual elaborou reflexões importantes acerca dos elementos que constituem a vida política e que podem resultar na grandeza ou na ruína de um corpo político. A relevância desse autor se justifica na maneira “excêntrica” por meio da qual ele abordou os assuntos relacionados ao âmbito da política mostrando que este campo possui uma lógica própria a partir da qual se pode julgar o êxito e o fracasso dos agentes políticos. Tal lógica deve ser construída, conforme Maquiavel, com base em uma compreensão da verdade efetiva sobre os homens. Por isso, as suas obras principais - especialmente *O príncipe* e os *Discursos sobre a primeira década de Tito Lívio* - revelam um propósito de descrever como os homens são e oferecer algo útil a respeito do como governar a partir desse conhecimento.

Embora Maquiavel compartilhe a ideia republicana da proeminência do bem coletivo sobre o interesse particular, ele assevera que os homens não possuem o impulso intrínseco à comunidade política, mas, ao contrário, são propensos à maldade e à oposição e só agem bem por necessidade. N’*O Príncipe* (capítulo XVII), o autor acentua que os homens são perversos e cruéis: “pode-se dizer dos homens, de modo geral, que são ingratos, volúveis, simulados e dissimulados, fogem dos perigos e são ávidos de vantagens.” Já nos *Discursos* (Primeira Parte, capítulo III), apoiado em exemplos da história, ele alerta aqueles que estabelecem a forma de um Estado e promulgam suas leis a partir do seguinte pressuposto: “todos os homens são maus, estando dispostos a agir com perversidade sempre que haja ocasião.” No capítulo XXVII da primeira parte dessa mesma obra, o florentino relativiza a sua abordagem sobre a maldade humana acentuando que

raramente os homens sabem ser bons ou maus totalmente. Essa relativização do autor nos faz entender que normalmente os homens são timoratos e medíocres em suas ações.

A alusão que Maquiavel faz à maldade humana não parte de especulações metafísicas acerca de uma essência ou natureza imutável do homem, mas é inferida de observações do comportamento histórico dos homens de um modo geral. Com base nessas observações maquiavelianas, pode-se entender que a tendência dos homens à maldade e às situações de conflitos e rivalidades, tanto na esfera particular quanto na esfera coletiva, se dá quando os homens buscam a consumação de seus desejos que são infinitos e insaciáveis. Para o escritor florentino, o desejo é um dos elementos constitutivos da natureza humana e, igualmente, o motor das ações humanas. Os conflitos existentes no âmbito da convivência social decorrem do fato de que “a natureza criou os homens com a sede de tudo abraçar e a impotência de atingir todas as coisas. Como o desejo de possuir é mais forte do que a faculdade de adquirir, disto resulta um secreto desgosto pelo que possuem” (*Discursos*, Segunda Parte, Introdução). Os homens desejam tudo, mas não podem ser e ter tudo. Do ponto de vista da carência, o desejo é sempre infinito, ao passo que, no tocante a sua potência ou ao poder de realizar aquilo que se deseja, ele é sempre uma força finita.

Consideramos que a compreensão da ideia de liberdade republicana presente no pensamento político de Maquiavel pressupõe uma análise da teoria dos humores, isto é, da oposição dos desejos que mobilizam os homens na obtenção de objetivos diversos. Assim, enquanto que a tradição do pensamento filosófico político que antecedeu este autor via nas situações de conflitos uma ameaça à vida social, o secretário florentino afirmou que elas estão na base da vida política, a qual não se restringe a um exercício dialógico da razão feito em meio a uma praça pública, mas nasce e se desenvolve no embate entre os diferentes humores que precisam ser bem gerenciados. N’*O Príncipe* (Capítulo IX), o autor assevera que “em todas as cidades, existem dois humores opostos: De um lado, o povo que não quer ser comandado nem oprimido pelos grandes. Do outro lado, os grandes que desejam comandar e oprimir o povo; desses dois apetites diferentes, nascem um destes três efeitos: principado, liberdade ou licença.” Nos *Discursos*, Maquiavel mostra que é sobre a tramitação adequada dessa divisão social que se pode atingir a liberdade republicana.

Para o autor era lamentável o fato de muitos terem percebido nos conflitos políticos apenas os aspectos desagradáveis que apareciam de imediato, tais como as arruaças, as gritarias, a bagunça etc. Por sua vez, Maquiavel analisava as dissensões dos humores para

além das aparências, percebendo que na substância de tais eventos estavam os dois humores distintos que se confrontam no âmbito político podendo causar a liberdade republicana. A oposição entre eles, sobretudo em uma república, não pode ser ignorada ou suprimida, mas deve ser bem acolhida e administrada a fim de que os desejos tenham espaço e meios adequados para se manifestarem. Com o intuito de exemplificar essa ideia, Maquiavel aborda o caso de Roma, onde os tumultos que nasceram no âmbito coletivo, como a desunião entre o povo e o Senado, produziram mais consequências boas para a liberdade do que prejuízos ao longo dos séculos da república. Como contrapartida, ele aborda o caso de Florença, onde os resultados de tais conflitos, devido a não terem recebido o mesmo tratamento que em Roma, foram mais nocivos que benéficos à liberdade.

Posto isto, partindo do eixo norteador "As (os) filósofas (os) e seu próprio tempo", este trabalho propõe analisar alguns pontos do pensamento de Maquiavel no que diz respeito à influência dos conflitos políticos ou dissensões dos humores dentro de uma república, com o objetivo de entender a relação que existe entre eles e a liberdade civil. Para enfrentar tal problemática, a exposição será organizada em duas partes. A primeira tem como objetivo examinar se os conflitos políticos podem ou não viabilizar a liberdade republicana e, em caso afirmativo, em que medida isso é possível. Com essa meta, serão analisados alguns trechos dos *Discursos sobre a primeira década de Tito Lívio*, nos quais Maquiavel faz uma abordagem positiva das dissensões dos humores. A segunda parte visa analisar outros excertos dessa mesma obra e também da *História de Florença* referentes às alusões negativas que o autor faz sobre os conflitos políticos. Ou seja, em que medida os tumultos podem resultar na ruína de uma república? Nas considerações finais serão retomadas algumas ideias principais, para apontar que os conflitos políticos não são irrelevantes dentro de uma república e nem são, por si mesmos, a causa única da ruína ou da liberdade civil de tal república. Porém, são situações típicas da vida política que, quando tratadas adequadamente por uma república, podem contribuir com a manutenção da sua liberdade civil culminando na sua grandeza, como foi na Roma Antiga.

Palavras-chave: Conflitos políticos, liberdade civil e Maquiavel